Organizado por
Bianca Bruno Bárbara e Marly Chagas

ENTRE CONTOS, CANTOS E CANÇÕES

Histórias de um projeto de extensão



Toma essa canção como um beijo
ecoar CFCH/UFRJ

toma
essa
canção
como um
beijo

Organização
Bianca Bruno Bárbara
Marly Chagas

Entre contos, cantos e canções: histórias de um projeto de extensão

CFCH/UFRJ

© desta edição 2026 Ecoar Edições
© dos textos 2026 autores

Edição executiva e preparação de originais
Isabela Moraes Peclat e Maria Clara Tavares

Revisão Thaís Rodrigues e Luane S. Mendonça

Revisão dos originais para qr code Caroline Gazeta e Carolina Thomé

Batida de emenda Caroline Gazeta

Capa, ilustrações e tratamento de imagens Maria Clara Tavares

Projeto gráfico e diagramação Isabela Moraes Peclat

Divulgação Equipe Toma essa canção como um beijo e Ecoar Edições

Logos do projeto 1ª (2021) Aline Leite; 2ª (2024) Leticia Bandeira

Universidade Federal do rio de janeiro
Reitor da UFRJ: Roberto de Andrade Medronho
Vice-Reitora: Cássia Curan Turci
Pró-Reitora de Extensão: Ivana Bentes Oliveira

Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Decano do CFCH: Prof. Vantuil Pereira
Vice-Decano: Prof. Paulo César Castro

Escola de Comunicação
Diretor da ECO: Cristiano Henrique Ribeiro dos Santos
Vice-Diretora: Marialva Carlos Barbosa
Diretora Adjunta de Graduação: Marianna Jorge
Diretora Adjunta de Extensão: Kátia Augusta Maciel

Centro de Ciências da Saúde
Decana do CCS: Profª. Avany Fernandes Pereira

Instituto de Psiquiatria
Diretor: Prof. Pedro Gabriel Delgado
Diretora de Extensão: Maria Cristina Ventura Couto

Graduação em Musicoterapia (Intercentros e Multiunidades)
Coordenação:
Prof. Marcus Vinícius Machado de Almeida (2019-2023)
Profª. Beatriz de Freitas Salles (2024-2026)
Profª. Marly Chagas (2026)

Projeto de Extensão Toma essa canção como um beijo
Coordenadora: Profª. Bianca Bruno Bárbara
Vice-coordenação: Profª. Marly Chagas

Projeto de Extensão Ecoar Edições – Laboratório Experimental de Edição
Coordenador: Mário Feijó
Conselho Editorial: Alda Rosana Almeida, Aline Frederico, Amaury Fernandes, Ana Crélia Dias, Cláudia Mendes, Isabel Travancas, Mário Feijó e Paulo César Castro

Ecoar Edições
Escola de Comunicação, Av. Pasteur, 250, fundos – Praia Vermelha, Urca – Rio de Janeiro, RJ – CEP 22290-902
www.pe.eco.ufrj.br/ecoar
ecoar@eco.ufrj.br
@ecoaredicoes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E61

Entre contos, cantos e canções: histórias de um projeto de extensão / organização Bianca Bruno Bárbara e Marly Chagas. – Rio de Janeiro: Ecoar Edições : UFRJ/CFCH/ECO, 2026.
80 p. : il. ; 14,8 X21 cm.

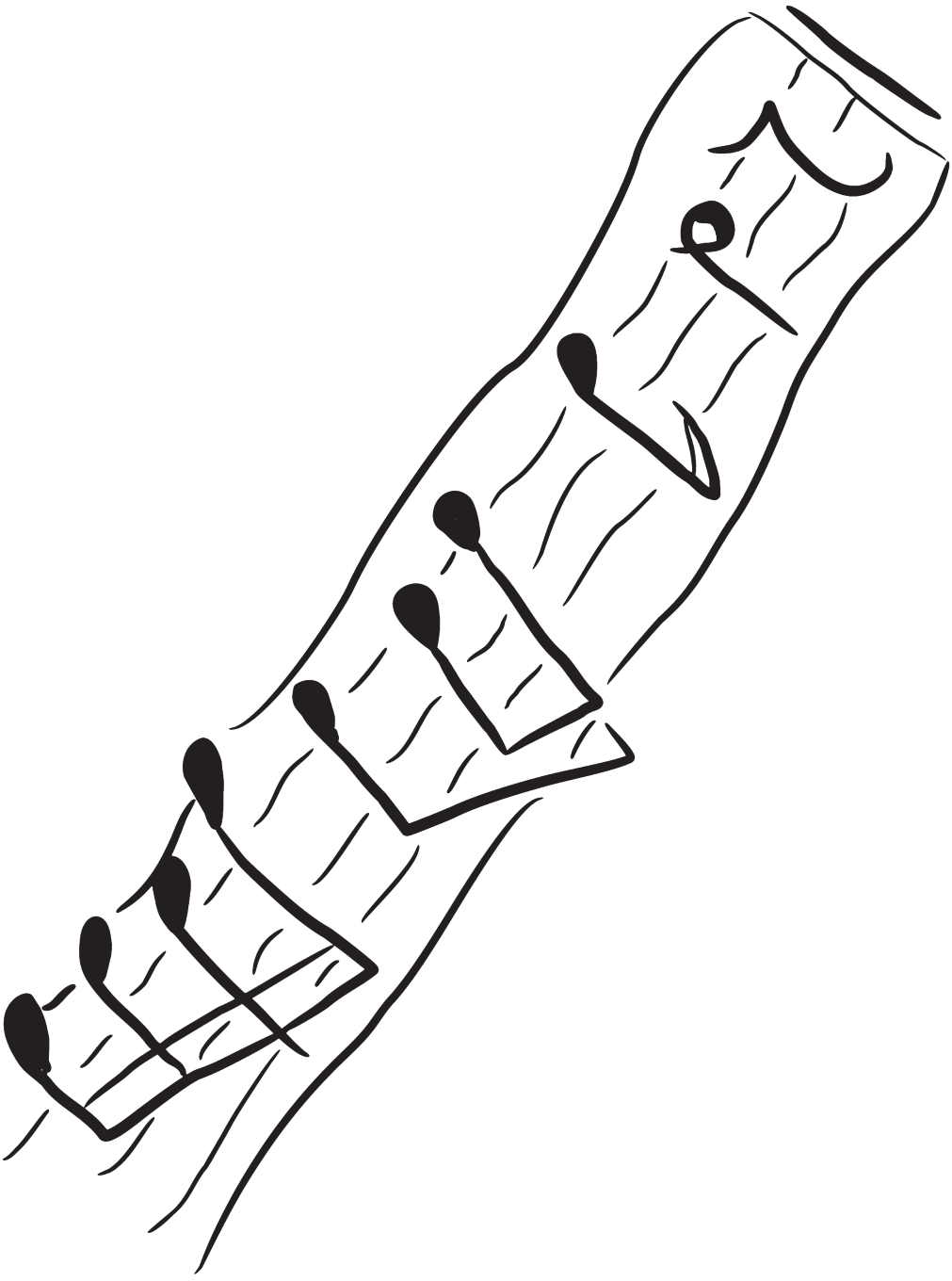
Projeto de extensão: "Toma essa canção como um beijo" do curso de Musicoterapia da UFRJ em parceria com os hospitais: HUCFF/UFRJ e Hupe/UERJ.

ISBN 978-65-88579-40-4 (e-book)

1. Contos brasileiros. 2. Musicoterapia. 3. Cuidados paliativos. 4. Extensão universitária. I. Bárbara, Bianca Bruno. II. Chagas, Marly. III. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de Comunicação.

CDD: 869.3

Elaborada por Érica dos Santos Resende – CRB-7 / 5.105




toma
essa c
como un


ançã
beijo

Apresentação

Chega ao público *Entre contos, cantos e canções: histórias de um projeto de extensão*. Mais do que uma edição gráfica, essa publicação compartilha fragmentos de experiências intensas que integram profissionais, estudantes e campos de atuação onde a música e o afeto se reúnem para oferecer cuidado.

A extensão *Toma essa canção como um beijo*, coordenada por Bianca Bruno Bárbara e vice-coordenada por Marly Chagas, com participação das musicoterapeutas Bianca Vivarelli e Marcia Bulcão, iniciou sua história duramente na pandemia, com atendimentos às famílias de pessoas internadas no CTI Covid do Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE/UERJ) – a partir de parceria firmada com o Programa Urgências Subjetivas coordenado pelo Prof. Dr. Vinícius Darriba – e continuou sua atuação no Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (HUCFF/UFRJ), na enfermaria 10A do Instituto de Doenças do Tórax (IDT/UFRJ).

A ideia de registrarmos a experiência do projeto em contos surgiu da prática dos extensionistas. Ubirajara Ferreira Pinto, especialmente tocado pela poética produzida por um modo de viver que inclui a arte e o cuidado, iniciou registros de suas experiências em pequenas histórias e incentivou ativamente que esses registros continuassem.

Hoje lançamos nosso primeiro livro de contos.

Vocês encontrarão contos que registram parte da experiência dos extensionistas. A vida que pulsa nos leitos, nos

corredores, na chegada e na saída do hospital. A canção é compartilhada com a equipe de profissionais e com os familiares, carregando lembranças, sonhos, despedidas e muitos afetos. Nos encontramos com a vida e com a morte, de uma maneira que só a arte nos ajuda a compartilhar. Os nomes citados nos contos são fictícios, mas a emoção de estar com cada uma dessas pessoas é totalmente verdadeira.

Desejamos que vocês aproveitem este modo de narrar o que vivemos nesse projeto através dos contos: "O tempo e a história de um trabalho"; "Significância"; "Canções e declarações"; "Deixa a vida me levar"; "O (des)encontro do olhar"; "Cadeira vazia"; "A dança"; "Fragilidades"; "Super-Homem"; "Estrada para casa"; "Homenagem à dona Ema"; "Cadê os instrumentos?"; "Despedida"; "E lá se vai mais um dia..."; "Esperas e expectativas"; "O som do silêncio na enfermaria 37"; "Passarinhos acolhedores"; "Entre músicas e bênçãos"; "Junto ao peito, em uníssono e em família"; "Respirei, fechei os olhos e cantei"; "Meu olhar, minha presença...".

Que, nas entrelinhas deste livro, cantem e dancem as vozes de um grupo que sustenta que a arte de ouvir pode existir em meio a acordes, ritmos e melodias. E, assim, esperamos que em *Entre contos, cantos e canções*, os leitores se sintam tocados.

Marly Chagas

Prefácio

O tempo e a história de um trabalho

Março de 2020: na cidade deserta, por ruas vazias, levo meu pai para uma emergência depois de uma tomografia de tórax. Aquela expressão que há pouco passara a marcar presença nos noticiários — "pulmão em vidro fosco" — tinha sido ouvida por nós. Na emergência, a constatação de que havia indicação para internação. O médico chama por mim e por meu irmão. Autoriza que entremos no consultório. Diante de nosso pai, a frase que surge é:

— Daqui a poucos dias a gente volta pra te buscar!

No retorno pra casa, depois de onze horas numa emergência de covid, o ritual necessário para meu isolamento: tira, lava, troca, respira. Do outro lado da porta, as vozes de meu marido e de meus filhos me lembraram que eu não estava sozinha. Mas, no quarto por mais de quinze dias, a solidão inevitável comparecia. O telefone e a música eram minhas companhias.

Na espera por notícias diárias, a ansiedade tomava conta. Era preciso não ocupar a linha telefônica e, assim, não impedir que o médico nos atualizasse do estado clínico de nosso pai. Digo nosso, porque a cada dia, às doze horas, eu não estava sozinha nas chamadas. Meus irmãos as compartilhavam comigo, numa multiplicação de ouvidos presentes. Não sei se

era para que nenhum detalhe escapasse, ou se era para dividir a angústia que nos tomava a cada toque do telefone. Assim, com ouvidos colados ao aparelho, em respirações audíveis e entre vozes que tremulavam quando nos autorizavam a fazer poucas perguntas, tentávamos, juntos, atravessar tamanha perplexidade.



Dias passando, contados telefonema a telefonema diário. Notícias mais esperançosas em alguns, outras nem tanto. Para lidar com o tempo de angústia e de espera, uma música tocava em looping...

"*Meu amor, deixa eu chorar até cansar, me leve para qualquer lugar aonde Deus possa me ouvir... Minha dor eu não consigo compreender, eu quero algo pra beber, me deixe aqui, pode sair, adeus...*"[1]



Vinte e poucos dias depois daquele primeiro, a notícia de uma melhora recente de meu pai chegou. O médico informou que já tinham iniciado o processo de retirada dos sedativos, mas meu pai não despertava. Foi aí que, cheia de esperanças, contei sobre minha formação. Pedi autorização para enviar músicas que pudessem ser tocadas ao lado do leito de meu pai. Eu sabia da força do vínculo dele com a música e elas — as canções —, pensava eu, o convocariam de volta.

Autorizada a fazer as músicas chegarem até lá, comecei um mergulho nas minhas lembranças. Vasculhei cada canto de minha memória. Voltei para o banco de trás do carro de meus pais enquanto lembrava das músicas que eles ouviam no rádio ou nas fitas cassete daquela época; voltei aos bailes na casa de praia e no clube, quando eles dançavam entre amigos. Dos acordes iniciais de "New York, New York"[2] ao hino do Botafogo; de Simone cantando "*Porque eu tô voltando*"[3] ao refrão de "Um dia de domingo"[4], minhas memórias listaram canções na aposta de que elas o trariam de volta. Uma playlist extensa foi feita. Vi, aliviada, a foto da TV do quarto reprodu-

zindo as músicas que tinham chegado até lá num pen drive. Eu sei que ele as ouviu... mas não despertou. Ele não voltou. Apesar disso, algo em mim tinha se acalmado. Com as canções eu pude ir até lá...



Janeiro de 2021: a vida me convoca para um recomeço. Tomo posse no cargo de professora na UFRJ e, numa primeira reunião com os coordenadores da graduação de musicoterapia, sou informada da necessidade de propor um projeto de extensão, oportunidade de fazer a universidade dialogar com a comunidade externa a ela. Sigo às voltas com o que fazer frente ao que atravessava a mim e ao país naquele período.



Junho de 2021: o número de mortes por covid-19 só cresce. Em frente à televisão, choro diante de imagens devastadoras e de discursos cínicos. A sensação de que eu tinha que fazer alguma coisa diante da dor — a minha e a de muitos outros — insiste. Perguntas ressoam em mim:

E se as canções pudessem ser um modo de diminuir a distância entre familiares que, como eu, tinham ficado impedidos de visitar seus entes queridos hospitalizados?

E se, em alguns momentos, a música convocasse algo do desejo pela vida?

E se, mesmo diante da morte, algo pudesse ser dito por meio de recados e de canções?



Tomo coragem. Telefono para um amigo que trabalhava com uma equipe num CTI Covid. Peço uma conversa. Encontro desejo pela composição de um trabalho compartilhado. Conversas seguem. Parcerias se desenham. Entre linhas num papel, um projeto nasce. Estratégias se esboçam. Alunos se aproximam. Algum cuidado entre nós se tece...



Setembro de 2021: entre recados e canções, o *Toma essa canção como um beijo* ganha corpo e voz...



Novembro de 2026: entre contos e canções, o *Toma essa canção como um beijo* ganha uma escrita...

Bianca Bruno Bárbara

1ª logo (2021)



Projeto de Extensão do Curso de Graduação em Musicoterapia
numa parceria com o Programa de Urgências Subjetivas do HUPE/UERJ"

2ª logo (2024)



Significância

Numa manhã fria de outono, acompanhava meu pai internado no Hospital Universitário. Ele estava muito debilitado e já não interagia, mas tinha certeza de que ele podia me ouvir.

Há alguns dias assim, desta mesma forma.

No entanto, naquele dia aconteceu algo triste, porém muito surpreendente: o universo se alinhou naquele momento, e, de uma forma harmônica e perfeita, preparou um rito de passagem, uma morte assistida, um cuidado paliativo para o meu pai. Vivenciamos ali uma experiência difícil, porém maravilhosa! Uma equipe de musicoterapeutas entrou na enfermaria e iniciou o atendimento ao paciente que estava no leito ao lado do de meu pai. Interessaram-se por ele, conversaram e cantaram uma música que lhes foi pedida. A música de Frei Gilson dizia sobre "acalmar uma tempestade". Um trecho da letra dizia assim:

Aumenta a minha fé em Ti
Não me deixa fraquejar jamais
Ao som da tua voz
Tudo vai calar
Só preciso esperar
A tempestade vai acalmar[5]

Enquanto a música era cantada, senti vontade de dizer algumas palavras para o meu pai. Disse que o amava e que

ele era importante pra mim. Lembrei de alguns momentos da minha infância e fiz algumas declarações. Esse momento foi muito significativo pra mim e me emocionou muito. Eu tenho certeza de que ele ouviu; mesmo sem esboçar qualquer reação, ele ouviu.

Logo em seguida, esse momento deu lugar a outro mais descontraído, e era nítida a tentativa de inclusão de um outro paciente que estava por perto, mais introspectivo, calado, fechado, até que falaram sobre o Flamengo.

Alguém da equipe de musicoterapeutas sabia que meu pai era flamenguista e aproveitou a vitória do time contra o Vasco da Gama no domingo anterior para chamar a atenção dele e ele se abriu, conversou, brincou e cantaram o hino do Flamengo.

Meu pai era flamenguista fanático e, quando começaram a cantar, eu também cantei para o meu pai e disse que estavam prestando uma homenagem a ele.

A equipe de musicoterapeutas foi, então, para o leito em frente ao nosso, e meu pai, de uma forma inesperada, suspirou forte e desfaleceu. Precisou de intervenção médica, mas veio a falecer. Meu pai partiu em paz, assistido, e quero acreditar que sem "medo", acalentado pela música do Frei Gilson e o hino do seu time do coração.

Mesmo muito triste, entendi que aquele momento foi sublimemente preparado para nós e para a sua partida e, mesmo triste, fiquei agradecida por ter vivenciado tudo o que aconteceu; marcou a minha vida.



Saí da enfermaria e no corredor chorei. Liguei para alguns familiares não só para dar a notícia, mas também para contar a forma surpreendente como tudo aconteceu.

Não vi para onde os musicoterapeutas foram.

Eu sei que, passado um tempo, enquanto ainda estava sentada no corredor, chorando, eles se aproximaram e disseram que a minha dor importava.

Que eles se importavam com a minha dor.

Me acolheram e pude dizer sobre essa experiência, falei da importância do trabalho lindo que eles realizam ali.

Por fim, tomada de grande emoção, pedi um abraço a eles, e mais uma vez fui acolhida por cada membro da equipe naquele momento delicado e marcante.

Ubirajara Ferreira Pinto



Canções e declarações

O que dizer a alguém que está a dois passos do paraíso? A alguém que está se despedindo? Vivemos isso o tempo todo na enfermaria 10A. As pessoas, algumas vezes, nos pedem canções para embalar suas despedidas, declarar seus amores, ativar suas memórias.

Alguns não estão prontos para ir e nos pedem ajuda.

Uma vez, Amália, uma senhora, disse: "preciso de perdão". Como poderíamos lhe conceder perdão, se não somos quem ela machucou? Mas não importava, era isso que ela buscava, era disso que ela precisava. Cantamos a canção que diz "*Perdão, perdão, quero te pedir perdão... eu preciso ser amado*"[6]. Amália, já muito debilitada, se emocionou. Mesmo que não fôssemos os responsáveis por conceder aquele perdão, ajudamos, de alguma forma, a externalizar suas emoções e se despedir.

Outro dia desses, Fernando, um homem bem alegre e entusiasmado, nos pediu a canção "Festa no apê"[7], de Latino. Ele pulou, dançou e cantou para sua esposa, que o acompanhava. Perguntamos a ela se queria pedir alguma música. A princípio ela não quis escolher nenhuma, mas, logo em seguida, sugeriu: "A dois passos do paraíso"[8]. Ela cantou conosco e até declamou o que o vocalista fala no final:

Volte para o seio de sua amada
Ela espera ver aquele caminhão voltando
De faróis baixos e para-choque duro
Agora uma canção canta pra mim
Eu não quero ver você triste assim

Na semana seguinte, Fernando estava entubado. Tudo o que queríamos era que ele não fosse em direção ao paraíso... Em seu leito, tocamos pra ele, de novo, essa canção. Queríamos que ele soubesse que não esquecemos que ele amava essa música.



Palavras não ditas, através de canções, podem ser expressas com força nesses momentos.

Raquel da Gama
Com a colaboração de Marly Chagas

Deixa a vida me levar

Seu Anacleto, um senhor idoso, bastante debilitado, usando apenas fralda geriátrica e apresentando dificuldade de respiração, fazia uso de oxigênio. De pronto nos informou que possuía uma questão relacionada a sensibilidade auditiva.

Após a apresentação do grupo, perguntamos:

— Que música gostaria de ouvir?

— Qualquer uma, desde que seja em volume baixo.

Entendendo que para nós fazia sentido a expressão de seu gosto musical e após insistirmos que nos dissesse pelo menos o tipo de canção ou autor preferido, ele respondeu que poderia ser samba ou pagode. Um dos extensionistas sugeriu Zeca Pagodinho e o primeiro sorriso veio ao rosto do paciente. Sussurrou:

— Pode ser "Deixa a vida me levar"[9].

Logo no início da canção, aquele corpo abatido pelas circunstâncias da vida começou a dar lugar ao movimento. Balançava as pernas e os braços, mesmo com gestos curtos, debilitados. No trecho "*Só posso levantar as mãos pro céu*", sorriu. E aquele rosto, inicialmente fechado, de semblante pesado, deu lugar a uma face ruborizada, com sinais de vida e esperança promovidos pela fé expressa na letra daquela canção.

Ao final, extremamente agradecido, ele fez questão, apesar da dificuldade, de sentar-se no leito e agradecer por termos "enchido sua vida de alegria".

Testemunhamos a transformação imediata de um corpo que se submeteu à música, ao ritmo, à letra. O poder da música no favorecimento das expressões de sentimentos e transformação de corpos que se permitem experimentar é incrível!

Marcos Barbosa

Com a colaboração de Marly Chagas

O (des)encontro do olhar

Estávamos iniciando mais uma terça de atendimentos, dessa vez começando na enfermaria 27 e no leito três, onde se encontrava Ana acompanhada de sua filha. Estavam acuadas e tímidas com a equipe no começo, mas aos poucos fomos conversando e apresentando nosso trabalho ali no hospital e a filha se encantou com a proposta. Quando perguntamos se gostariam de escutar alguma canção, a filha prontamente respondeu que sua mãe gostava de músicas religiosas e falou que poderia ser uma da Aline Barros, então a equipe propôs a música "Sonda-me, usa-me"[10].

Durante o atendimento, percebemos que a filha logo no começo já se emocionou: tentava conter as lágrimas, porém não conseguia resistir. Ela tentava esconder o rosto, para que a mãe não percebesse que ela tinha sido tomada pela situação. Contudo, mais para o meio da canção, a mãe olhou para filha como quem diz "eu estou aqui", e automaticamente, ao perceber a emoção de sua filha, começou a dizer "não chora, filha" repetidas vezes, tentando tranquilizá-la.

A filha, por sua vez, começou a chorar ainda mais, talvez por constrangimento da mãe internada ter que tranquilizá-la ou talvez por ter percebido que mãe é mãe independente da situação e que seu colo sempre teria espaço para consolá-la. A partir desse momento, a mãe também começou a chorar. A filha levantava o olhar para ela enquanto o olhar da mãe abaixava, e a mãe levantava o olhar enquanto a filha fazia o

inverso, e essa tentativa de encontrar uma à outra em meio ao desencontro emocionou toda a equipe, pois pudemos perceber a conversa entre as duas apenas com os olhares.

Quando chegamos à parte em que a música diz "*Sonda-me, quebranta-me, transforma-me, enche-me e usa-me, Senhor*", o olhar delas finalmente se encontrou, as duas se encararam por um instante, deixando a emoção tomar conta, e então a filha se levantou do seu lugar para poder chegar perto da mãe e segurou sua mão, e em nenhum momento da trajetória até o leito elas deixaram de se olhar.

Enquanto a música ia chegando ao fim, a comunicação pelo olhar de ambas ia se fortalecendo, conversando tudo sem dizer nada. Ao final da música, elas permaneceram de mãos dadas, e depois de um breve momento de silêncio e olhares, elas quebraram essa conversa não verbal para que pudessem olhar para a equipe, agradeceram e a filha complementou dizendo: "*é bom trazer música para o hospital, traz paz*". Não precisaram falar muito para que pudéssemos entender que naquele momento a angústia que estavam sentindo se tornou paz.

Depois de assegurar que nosso trabalho estava feito, nos despedimos e desejamos uma boa recuperação para Ana e, enquanto saíamos da enfermaria, vimos que a filha continuava ao lado do leito, de mãos dadas com a mãe e fazendo carinho na cabeça dela. A equipe conversou um pouco sobre a situação e vimos que todas se emocionaram. Ao mesmo tempo nos apoiamos umas nas outras para conter a emoção e dar espaço para que a emoção delas pudesse se desenvolver. Concluímos que a música teve o poder de alcançar aquilo que nenhuma palavra poderia expressar, pois, afinal, o amor foge a dicionários, mas se comunica no olhar.

Stephanie Gomes Gonçalves

Cadeira vazia

Saindo da enfermaria. Tira, lava, seca. Com movimentos mecânicos que parecem já fazer parte das minhas engrenagens, finalizamos mais uma sessão de atendimentos. Mas alguma engrenagem resolveu funcionar diferente nesse dia.



Passando pelo hall de entrada, vemos uma equipe de profissionais concentrados. Com rostos abatidos, engrenagens enferrujadas pela carga pesada e o uso excessivo. É difícil entendê-los como mais do que somente máquinas que funcionam para os outros. Vocês precisam desligar. Sinto o olhar cansado de um deles em mim.

Como? Como sugerir alguma coisa a não ser a música? Quando tocamos no assunto, as lágrimas já começaram a tomar protagonismo da conversa. Sem pedir licença, elas estavam implorando para serem liberadas. Que tal "Um amor puro"[11]?, sugeriu minha colega.

Começamos a entoar a música e o muro caiu. As lágrimas que estavam presas se libertaram. As vozes, que começaram nítidas, já estavam embargadas, fazendo com que os versos ficassem embaralhados.

Foi difícil me manter sólido. Manter a máquina funcionando. Não era o meu momento. A minha voz, o meu canto, as minhas notas não eram mais minhas. Eram deles.

E como um mantra, todos entoaram com força:

Aqui ou em outro lugar
Que pode ser feio ou bonito
Se nós estivermos juntos
Haverá um céu azul

As palavras saíram claras. As lágrimas não atrapalharam, parecia que elas traziam a força que aqueles versos carregavam. Não sei descrever como e nem por quê, mas aquela força parecia vir de outro lugar.

Quando questionados sobre, os olhares se direcionaram para a cadeira vazia. Não precisaram dizer nada, havia alguém. Eles precisavam manter a máquina funcionando, por ela e para eles. Mas por um momento, mesmo que breve, a máquina pôde descansar, recarregar, para retomar com mais energia. Por eles, pela gente, por todos e por ela.

Soube depois que um dos membros da equipe estava internado no CTI em estado grave. A dona daquela cadeira vazia. Mas não fiquei surpreso com a revelação. A música já tinha me contado.

Ubirajara Ferreira Pinto
Com a colaboração de Maria Clara Tavares

A dança

Antes de entrar no hospital eu penso na morte... Penso em todos os pacientes que podem não ter resistido à noite; penso em todos os pacientes que podem estar piores; penso que o paciente que estava dançando, agora pode se encontrar uma situação difícil.

Deparar-se com a morte não é fácil, mas se é difícil pra mim, que estou de fora, imagina para quem está vivendo isso? Fico pensando como deve ser assustador não saber o que virá depois.

Porém, quando entramos na enfermaria, tiramos a Morte para dançar. Entro olhando-a nos olhos, quase como se quisesse constrangê-la, e a convido para rabiscar o salão comigo. *Dona Morte, você não me assusta. Que música dançaremos hoje?* E ela vem, pronta para segurar minhas mãos, olhar em meus olhos, enquanto eu a guio pelo chão feito pela música entoada, pelo ritmo dos ovinhos e vozes cansadas e cantarolantes. Ela não me assusta, nos tornamos conhecidas.

Mas, naquele dia, não foi isso que aconteceu! Naquele dia dancei com uma outra parceira, mais agradável do que dona Morte. Minhas canções ganharam novos contornos! Sempre que posso tiro essa outra parceira para dançar. Eu a invoco dentro das pessoas através de canções e ela se mostra.

Ao contrário da dona Morte, é ela que me tira para dançar e me deixei ser guiada por ela. Naquele dia nós a invocadmos em determinados momentos, mas o instante que quero contar para você foi mais especial!

Chegamos à sala da enfermagem para nos desparamentarmos e nos deparamos com uma festa. Eram os sons de celebração de uma vida prestes a chegar e não um canto guiando o barqueiro que está prestes a dar carona paraa mais um em seu barco...

Eram rostos conhecidos e não queríamos atrapalhar, então desejamos uma boa tarde a todos e quando fui me preparar para guardar o violão, ouvi um:

— Não vai ter música pra gente? — Onde que eu estava com a cabeça? Era a oportunidade perfeita de tirar a Vida para dançar!

— Toca uma música pro bebê! — alou uma pessoa, pois era o chá de bebê de uma das meninas da equipe.

— Eu sei qual música quero oferecer a vocês! — disse eu quase como se quisesse também dar um presente ao neném e à sua mãe. E entre gritos de alegria vindos da equipe eu comecei a cantar "Teu lar"[12], do duo ÀVUÁ.

A sutileza de te sentir mesmo sem te ver [...]

Escolhi ser teu lar, proteger

Meus colegas não conheciam essa canção, mas ficaram ao meu lado fazendo ritmos. Várias pessoas da equipe do hospital choraram durante a música e depois dela. Após conversarmos um pouco, ouvimos sobre como aquela canção coube perfeitamente no momento. Eu a escolhi por pensar que a mãe não iria conhecer e que podia guardar essa música como o momento de celebração da chegada de seu bebê junto com seus amigos de equipe.

Foi um momento lindo! Eu cantava e a Vida dançava comigo e não se continha, a ponto de ter entrado em todos e escorrido pelos olhos de alguns!

Espero que a dona Morte não fique com ciúme, mas eu gosto mais da Vida como minha parceira de dança.

Raquel da Gama

Fragilidades

Vivenciamos mais uma vez um dia incrível e especial na enfermaria 10A, com um turbilhão de emoções e sentimentos singulares. As meninas, como sempre, me surpreenderam. Fiz uma provocação, pois percebi que seria possível uma delas tocar o ukulele, visto que, no violão, ela manda muito bem. Acreditando nisso, levei o ukulele, expliquei alguns acordes e, como num passe de mágica, ficou maravilhoso.

Ao adentrar a enfermaria 37, encontramos uma senhora sentada no seu leito bastante pensativa. Ao nos aproximarmos, percebemos que ela ficou bem desconfiada com a nossa presença: *O que será que essas pessoas vestidas com esses jalecos e com instrumentos vieram fazer aqui?!*

Imediatamente nos apresentamos e falamos sobre o projeto, e, assim, aquela desconfiança aos poucos mudou, tomou lugares e corpos com sentidos e significados. *Como o nosso trabalho é importante para aqueles sujeitos mergulhados em tantas incertezas e fragilidades!*

Rapidamente aquele corpo criou forma e expressões. Cantamos juntos "Noites traiçoeiras"[13] e várias coisas aconteceram ao mesmo tempo: sua filha, enquanto filmava, falou que a mãe estava com medo, pois na próxima quinta-feira ia passar por um procedimento cirúrgico, mas naquele momento ela encontrou um certo conforto e segurança. A filha pediu também que fôssemos atender um outro senhor que estava acompanhando

sua esposa e que estava muito triste. Falamos que íamos atendê-lo em seguida.

Conversamos um pouco sobre suas histórias de vida, a filha falou um pouco sobre sua família (sete filhos e um neto). *Como, através da música, as pessoas se sentem acolhidas e nos contam um pouco de suas histórias de vida.*

Em seguida, nos dirigimos até aquele senhor fragilizado, triste e angustiado. Nos apresentamos e perguntamos se ele gostaria de dedicar alguma música para sua esposa. Ele estava sem condições naquele momento e falou que poderíamos oferecer uma música. Sugerimos "Alívio"[14], de Jessé Aguiar, e ele ficou muito emocionado, falou que estava muito preocupado, pois a esposa estava bem debilitada e não apresentava melhora.

Acolhemos aquele senhor com muita atenção e cuidado. Ele falou que estavam casados havia 56 anos e que ela foi a primeira namorada. Dava para perceber o quanto ele estava preocupado em perder a sua amada. Tentamos transmitir um certo conforto e ao mesmo tempo também prepará-lo para uma possível perda.

Sinto orgulho dessas meninas, como a cada dia elas estão crescendo profissionalmente. Além de fazer as anotações em tempo real, uma delas cantou com uma voz incrível. Eu observava o que estava acontecendo naquele ambiente e com os outros pacientes. Como se não bastasse, quando pensei que o atendimento daquele senhor havia terminado, ela tirou uma carta da manga e perguntou para o senhor se ele não queria fazer uma dedicatória de amor para sua esposa. Ele falou que não sabia cantar, mas ela não perdeu o "acorde". Perguntou se ele conhecia alguma música do Roberto Carlos e imediatamente começou:

> Eu tenho tanto pra lhe falar
> Mas com palavras não sei dizer
> Como é grande o meu amor por você...[15]

Nesse momento a atmosfera daquela enfermaria mudou e todos começaram a cantarolar. Foi maravilhoso. E assim nos

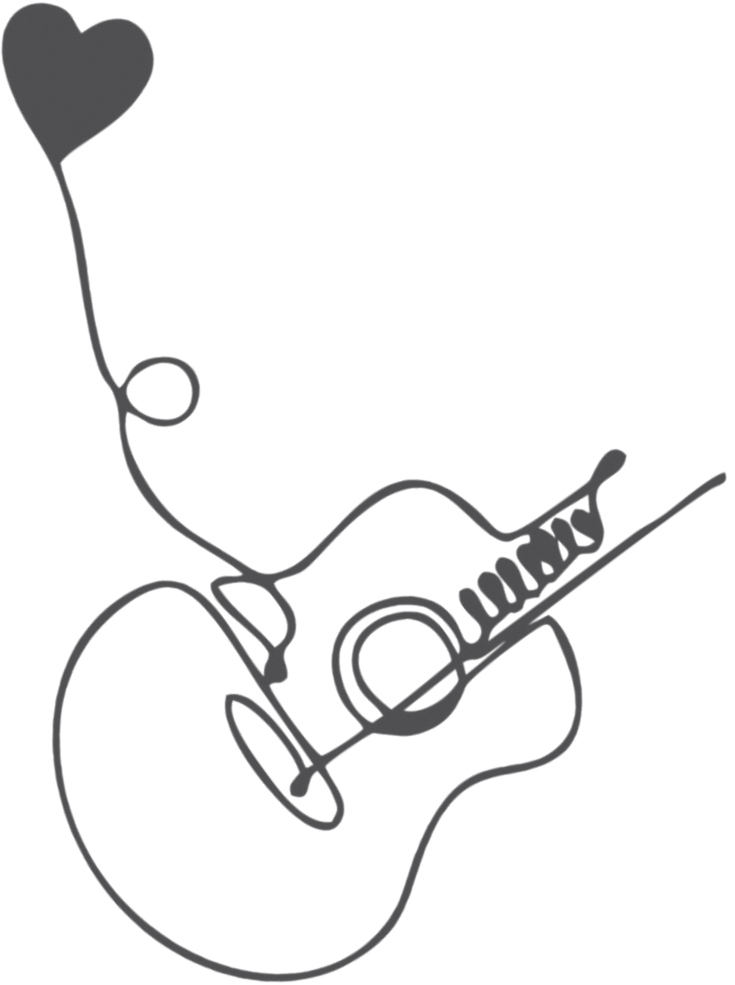
despedimos daquele senhor, que nos agradeceu muito por tudo que fizemos ali e relatou que estava se sentindo bem melhor. E realmente dava para perceber isso na sua expressão.

Nos dirigimos para a última paciente daquela enfermaria e, para nossa surpresa, era uma enfermeira do 10A, muito querida por todos ali. Confesso que fiquei perplexo e sem chão, não sei se as meninas perceberam. Mas contemos a emoção até o final: conversamos bastante, ela nos contou um pouco do porquê de estar ali, falou que estava desde o dia anterior ansiosa para ser atendida por nós e pediu a canção "Nossa Senhora"[16].

Foi bastante intenso, seu esposo chegou nesse momento e cantou conosco bastante emocionado. Perguntamos como era ser atendida agora como paciente. De pronto, ela relatou que são sentimentos diferentes: enquanto enfermeira, o nosso trabalho cria um contorno de empoderamento e motivação para realizar aquele trabalho de cuidado num ambiente tão pesado, e, enquanto paciente, vivenciou um sentimento de acolhimento e conforto naquele momento de fragilidade. Falou que, se tudo corresse bem, estaria presente no próximo concerto do projeto com o esposo.

Realizar esse trabalho me faz acreditar que estamos no caminho certo e ver a evolução dessas meninas é muito gratificante. A cada dia que passa eu me apaixono mais e mais pela musicoterapia.

Marcos Barbosa



Super-Homem

Ao entrarmos na enfermaria não somos mais as mesmas pessoas. Somos como Clark Kent, o Superman, escondendo a própria identidade. Não somos mais os ingênuos que riam e cantavam o que queriam na sala de estar da enfermagem, não somos mais os estudantes que estavam sofrendo com algum trabalho de três laudas, nem somos mais nossos cargos religiosos. Somos seres míticos que caminham pela imparcialidade à procura de estabelecer o menor vínculo que seja. Quando nos olhamos no espelho somos o Clark Kent, mas para muitos pacientes somos o Superman.

Foi como o Superman que entramos em uma enfermaria com três senhoras. Duas estavam dormindo. Atendemos a que estava desperta, com calma, em respeito às demais. Porém, a animação foi tanta que ela fez questão que suas colegas recebessem as músicas.

As três compartilhavam o vínculo da religião e os louvores as acalmavam. No canto esquerdo do cômodo, uma das senhoras estava segurando um terço com força, como se a vida dela dependesse disso.

— Julia, essa garotada é muito boa, pede uma música para eles — disse a paciente que estava inicialmente acordada.

— Ah, não sei, qualquer louvor alegre — disse Julia.

Decidimos tocar "Basta uma palavra de meu Deus"[17]. Ela levantava as mãos, como se usasse aquela canção como um apelo a Deus. Mas não parecia ser o suficiente. A prece preci-

sava vir dela. Ao insistirmos que escolhesse uma música, ela sugeriu uma canção que dizia sobre um Deus soberano.

Colocamos a música para tocar bem perto de seu ouvido. Ela cantava a canção em um tom íntimo, como se só ela estivesse dentro daquela enfermaria conversando com aquele seu Deus.

A música acabou.

— Sempre me esforcei para ser uma boa pessoa, meu Deus. A única coisa que peço é que me leve sem sofrimento. Sei que mereço a morte, pois, como ser humano, sou falho, peco, mas, por favor, acredite no meu esforço. Sei que as dores fazem parte da vida, mas, por favor, não me leve em meio ao sofrimento.

O silêncio se instaurou na enfermaria. Eu me encontrava sem palavras, sem canções. Sentindo que precisava colocar os óculos do Clark Kent de lado, perguntei se poderia sugerir uma música. Me vejo perdida por alguns segundos, mas aí veio um estalo: "Noites traiçoeiras"[18].

Julia abre um sorriso. Bingo.

"*Há tempo de chorar e de sorrir*", relembro os escritos para ela ao terminar a música.

A esperança pode sumir por um tempo, mas não para sempre. Ela não estava sozinha. Senti que naquele momento precisava dar esperança para Julia, precisava ser o veículo de suas aflições. E receber tudo aquilo para que ela tivesse condições de ter esperança e não se entregar.

Me senti como uma malabarista em uma corda bamba. Fazendo o fino trato de interpretar um papel ético e não um papel religioso. Mas, ao mesmo tempo, as palavras precisavam se conectar com ela. Elas precisavam curá-la da desesperança. Me equilibrar no fio era a minha função para que ela conseguisse cair sem despencar.

Ao sair de lá, chorei. Sofrendo com ela e por ela. Absorvi suas aflições e tive que botar para fora. Tive que descer da corda e recolocar os óculos; voltei a mim, então chorei.

Raquel da Gama

Com a colaboração de Maria Clara Tavares

Estrada para casa

O que queres?

Foi a pergunta que ouvimos ao nos aproximarmos do leito.

— Nós que viemos fazer essa pergunta para a senhora! — disse eu, com um sorriso no rosto. Ela encarou os meus olhos, atentos à sua resposta. Enquanto eu aguardava, sustentava o sorriso sob a máscara que cobria minha boca. Finalmente, respondeu:

— Eu quero ir para casa. Isso vocês não podem fazer por mim. Certo?

Quase de pronto lhe dei razão e completei dizendo que não podíamos levá-la fisicamente para casa, mas podíamos cantar uma música que a fizesse lembrar de casa. Claro que isso foi um tiro no escuro. Quem sou eu para dizer como a mente e imaginação de alguém, que nem conheço, funciona? Mas eu apostei! Apostei no poder que a imaginação tem. Se podemos nos afundar em cenários imaginários angustiantes, também podemos criar cenários bonitos de vida e alegria.

Os olhos se transformaram e mostravam uma certa curiosidade em como nós faríamos aquilo.

— Então eu quero! Vou pensar! — E começou a elencar os artistas que ela ouvia em casa. A música escolhida foi "Ainda bem"[19], de Marisa Monte.

Música escolhida, hora de relaxar!

Pedi que ela se deitasse na cama e fechasse os olhos. Ela ficou muito animada e logo se ajeitou. O meu companheiro de equipe foi direcionando para que ela ficasse confortável.

Então peguei o violão e comecei um dedilhado sem fim. Não se sabia onde ele começava e onde terminava. As notas eram tijolinhos amarelos que formavam o caminho para que ela fosse para casa... Então começamos a jornada...

— Respira fundo e solta, sinta seus pés deixando o peso cair sobre a cama... — Assim ela foi relaxando.

— Olha! Tem alguém na casa com você! Quem é?

Ela respondeu que era seu marido.

— E então começa a tocar uma música no rádio... — E começamos a música.

Ainda bem
Que agora encontrei você
Eu realmente não sei
O que eu fiz pra merecer
Você

Ela se movia bastante e achei que estava inquieta, mas ficou de olhos fechados. Achei que não tínhamos cumprido nosso objetivo de levá-la para casa. Objetivo esse, que eu propus. Claro que sabemos que tudo pode acontecer, mas eu queria que ela fosse ouvir música com o marido na sua casa por um momento! Porém, ela estava se mexendo tanto, que fiquei com receio de não ter aparecido algo tão bom.

Quando terminamos a música ela abriu os olhos, nem deixou que eu a fizesse retornar com calma, e simplesmente começou a dizer que viu sua casa, seu marido, seus bichinhos e calopsitas. Ela nos contou como aquilo foi importante para ela. Saímos e ela se manteve deitada, olhando para o teto.

Ainda bem que ela o encontrou, pensei, *mesmo que na imaginação*. Ela viu seus bichinhos, seu marido, sua casa... *Ainda bem que ousamos apostar e não deixamos que ela se acostumasse com a solidão da internação*. Mas, agora, ele, por um momento, tinha chegado até ela. Recebeu-a em casa com uma música de que ela gosta. Ainda bem!

Raquel da Gama

Homenagem à dona Ema

Acompanhamos a dona Ema por meses, quase sempre bastava chegarmos ao seu leito para ela dizer:

— Hoje eu quero "Oração pela Família"[20]. — Era seu pedido de sempre.

Antes mesmo de começarmos a cantar, dona Ema dizia para quem queria dedicar a canção. Às vezes era para alguém da sua família, que tantas vezes a acompanhava. Em outras era para uma companheira de enfermaria. Também já a dedicou a profissionais que cuidavam dela, como os enfermeiros ou as moças da limpeza. A cada atendimento, aquela oração encontrava alguém diferente. Quando chegava o refrão, dona Ema fazia questão de cantar junto: "*Abençoa, Senhor, as famílias. Amém. Abençoa, Senhor, a minha também*". Tinha a impressão de que seu pedido nunca terminava na própria família. Até mesmo os enfermeiros, que às vezes brincavam dizendo que dona Ema lhes dava trabalho, acabavam recebendo sua bênção em forma de música.

Houve um dia em que chegamos ao leito e ela nos disse apressada:

— Hoje vocês vão ter que cantar rapidinho porque minha visita está chegando. — Ela estava ansiosa. Fazia questão de nos ouvir, mas também contava os minutos para reencontrar a pessoa querida. Acho que a dona Ema era assim, gostava da casa cheia, de ter a família reunida.

Na última vez em que a atendemos, encontramos uma dona Ema diferente. Mais silenciosa, cansada. Cantamos outra

de suas canções preferidas: “Mãos ensanguentadas de Jesus”[21]. Ela nos ouviu, tentava falar, abatida, mas encontrava dificuldade. Aquele foi nosso último encontro.

Quando voltamos na semana seguinte, ela já não estava mais ali. Os enfermeiros nos disseram que havia partido em paz.

Hoje, quando penso na dona Ema, não penso naquele último atendimento. Penso em alguém que, mesmo atravessando meses de internação, nunca deixou de olhar para quem estava ao seu redor. A cada visita, havia alguém a quem dedicar uma oração: um familiar, um colega de enfermaria, um enfermeiro ou até nossa equipe, que teve o privilégio de acompanhá-la. Levo a dona Ema comigo com a lembrança de uma mulher que fez da própria fé uma forma de cuidar de quem estava ao seu lado.

Renata Cristina

Cadê os instrumentos?

Retomamos os atendimentos do projeto de extensão *Toma essa canção como um beijo* na enfermaria 10A do HUPE após um período de recesso. Nossa equipe estava bastante reduzida, mas, mesmo assim, apostamos na possibilidade de retomar a entrega de canções. Começamos pela enfermaria 27.

Abordamos um senhor deitado em posição fetal. Seu José estava inerte, parecendo sem vida. Nós nos aproximamos, nos apresentamos e falamos sobre o projeto. Ele ficou muito emocionado e chorou copiosamente. Sua filha, que o acompanhava, nos contou da relação dele com a música. Seu José colocou-se em movimento e conseguiu sentar na beira do leito. Mostrava uma expressividade sem dimensões. Começou a contar sua história com a música e com alguns instrumentos. Embora a filha tenha comentado que ele gostava muito de "Asa branca"[22], ele escolheu outra.

Antes de iniciarmos sua canção, ele perguntou:

— Cadê os instrumentos?

Naquele momento, estávamos somente com um chocalho. Íamos atendê-lo mesmo assim.

— Em outra oportunidade, voltaremos com outros instrumentos.

Seu José, antes desvitalizado, colocou-se ali sentado e, diante de nós, surge em sua postura um violão imaginário! Seguimos percebendo nele maior potência de vida, emoção

e alegria com seu violão virtual que, com ritmo e acordes no ar, motivou a todos!

Assim, com um olhar e uma escuta sensível, promovemos uma melhor qualidade de vida. Diante de tudo, nos restava a grande expectativa do próximo encontro, quando o paciente, junto a nós, entoaria e tocaria sua canção preferida.

Ubirajara Ferreira Pinto
Com a colaboração de Marly Chagas

Despedida

Chegamos com uma notícia boa: mais um paciente de alta. Ruth, com seus 76 anos, estava sentada no leito com as pernas balançando enquanto aguardava seus familiares, como uma criança alegre prestes a partir em uma viagem. Faríamos nosso último atendimento.

— O que a senhora quer escutar?

— Não sei, mas qualquer uma que fale de Deus.

"Faz um milagre em mim"[23].

Entra na minha casa
Entra na minha vida
Mexe com minha estrutura
Sara todas as feridas
Me ensina a ter santidade

Vemos lágrimas escorrendo de seus olhos. Não de tristeza. Ela sorria, cantava, interagia com a gente. Cheia de vida. Mas algo chamou a atenção: quando cantamos o verso "*sara todas as feridas*", a paciente apontava para suas pernas, mostrando-as para gente.

Não entendemos, pelo menos eu não, mas aquele gesto ficou na minha cabeça.

Depois das lágrimas secarem e os ânimos se acalmarem, resolvi perguntar.

— Ah, minha filha, você não viu não? Esse curativo aqui. Deus vai sarar.

Não soube como reagir. Foi perfeito. Como o dia, que estava ensolarado com o céu azul. A música era para ser cantada para essa paciente, por nós, no seu último atendimento.

Era um momento de despedida. De cura. Não só dela, mas também nosso. Como duas peças de quebra-cabeça que esperam para se encaixar. Dividindo momentos felizes e de angústia através da música.

Sua filha chegou no leito e interrompeu meu devaneio. Era hora do adeus. Foi a despedida mais feliz da minha vida.

Marcos Barbosa

Com a colaboração de Maria Clara Tavares

E lá se vai mais um dia...

Já tínhamos começado as abordagens aos leitos, entrado e saído de algumas enfermarias... Com o olhar que passeia pelos espaços de modo atento, percebemos alguém fora do leito. Não era a primeira vez que o víamos. Quieto, recostado numa parede, um senhor com um fone de ouvido. Parecia sempre não querer ser incomodado. Não sabíamos o que escutava, mas era como se o fone o protegesse dos sons e até mesmo das canções que soavam no entorno... Seria mesmo só mais um dia?

Ele já tinha recusado nossa oferta de escuta outras vezes. Mas nos aproximamos mais uma vez, em mais um dia. Perguntamos ao sr. Carlos se ele gostaria de escolher algo para que cantássemos para ele. Para surpresa da equipe, ele, decididamente, nos respondeu:

— Quero ouvir aquela mesma música que vocês cantaram lá num outro leito!

É... parecia que nem sempre o "fone-escudo" o protegia! Contou-nos qual das músicas cantadas anteriormente era a que queria e, então, começamos:

Porque se chamava moço
[...]

Porque se chamavam homens
Também se chamavam sonhos
E sonhos não envelhecem

Em meio a tantos gases lacrimogênios
Ficam calmos, calmos, calmos

E lá se vai mais um dia, ooh...[24]

Olhos lacrimejantes enquanto cantava que, em meio a gases lacrimogênios, os sonhos não envelhecem...

Olhos fechados pra cantar "*e lá se vai mais um dia, ooh...*"

Uma exclamação ao final da canção:

— Nossa, viajei!

— Pra onde?! O senhor se lembrou de algo? De alguém? — perguntamos.

A resposta veio com gosto de saudade. Sr. Carlos nos disse ter se lembrado da mãe, falecida há cerca de dois meses. Seguiu-se um breve silêncio. Não era um silêncio constrangedor. Era intervalo. Tempo e espaço necessários para que as lembranças tomassem lugar.

Aquele senhor que, antes recostado na parede parecia evitar que sua saudade aparecesse, tinha agora dado som a ela. Foi como se a música tivesse funcionado como chave para abrir a "*viagem de ventania*" que dentro de si permanecia, até então, em silêncio. Se "*de tudo se faz canção*", com ela também a gente se encontra.

Ao cantar e ao falar conosco, nos deixou encontrar um pouquinho do que sentia e, assim, se encontrou consigo e com sua dor. Não foi, nem pra ele e nem pra nós, só mais um dia.

Marcelle Oliveira de Vasconcellos e
Manuella Laffargue dos Santos Xavier

Com a colaboração de Bianca Bruno Bárbara

Esperas e expectativas

Marina, debilitada por conta de uma cirurgia para a retirada de um tumor maligno, estava deitada com a cabeça voltada para o corredor da enfermaria. Seus cabelos estavam sendo levemente acariciados e penteados pela acompanhante, madrinha de um dos seus filhos. Aquele carinho estava lhe fazendo muito bem; de olhos fechados, ela descansava daquele momento difícil.

Tivemos um enorme cuidado com a aproximação, a fim de não interromper aquele lindo episódio de vida.

Marina abriu os olhos e sorriu.

Lembrou-se de quinze dias atrás, quando estava no corredor aguardando o momento de se submeter a um procedimento operatório que não pôde ocorrer por conta de uma questão administrativa. Na ocasião, oferecemos-lhe a canção "Deixa a vida me levar"[25], frisando o trecho: "*Se a coisa não sai do jeito que eu quero / também não me desespero / o negócio é deixar rolar*". A irritação e a angústia causadas pela frustração do procedimento não realizado deram lugar a um sorriso descontraído. A música produziu mudanças.

Depois pediu "Pelos prados e campinas"[26]:

Pelos prados e campinas, verdejantes, eu vou
É o Senhor que me leva a descansar
Junto às fontes de águas puras, repousantes, eu vou
Minhas forças o Senhor vai animar

As lágrimas rolaram de seus olhos e dos olhos de sua acompanhante. Nos pareceu que, de fato, a paciente estava passeando pelos prados e campinas verdejantes.

A música ajuda na pintura dos cenários da vida!

Ubirajara Ferreira Pinto
Com a colaboração de Marly Chagas

O som do silêncio na enfermaria 37

Hoje começamos o atendimento como de costume. Caminhamos pelos corredores até a enfermaria 37 e, após atendermos o primeiro leito, voltamos nossa atenção para o acompanhante do leito em frente. A paciente repousava em um sono profundo, mas seu marido estava acordado, com os olhos fixos e claramente atentos a cada movimento que fazíamos.

Nos apresentamos com a suavidade que o ambiente exige e oferecemos uma música. Rapidamente e sem hesitar, ele escolheu "Cálice"[27], de Chico Buarque e Milton Nascimento.

Enquanto os primeiros acordes soavam e começávamos a cantar, percebi que a melodia o transportava. Ele progredia em emoção a cada verso entoado, especialmente quando a letra dizia:

> Se na calada da noite eu me dano
> Quero lançar um grito desumano

Seus sentimentos cederam e a primeira lágrima escorreu silenciosa pelo seu rosto exatamente no verso:

> Esse silêncio todo me atordoa
> Atordoado, eu permaneço atento

Ele continuava ali, cantando e chorando, deixando que a música dissesse o que as palavras não conseguiam. Ao final da canção, um dos integrantes da equipe lhe ofereceu um lenço de

papel para enxugar as lágrimas e, com delicadeza, perguntou o porquê daquela escolha. Ele nos relatou que desde pequeno aquela música sempre o tocara profundamente, mas que, naquele momento específico, não sabia explicar o motivo de tê-la pedido.

Para mim, no entanto, a razão pairava no ar, quase palpável. Estava claro que ele mal suportava ver a esposa naquele estado de saúde. Como ele mesmo havia nos confidenciado, ela já não reagia muito bem. Quando ele pediu por "Cálice", era como se sua alma gritasse para nós: *o silêncio dela me atordoa*. Pelo menos foi assim que interpretei. Não posso ter certeza, pois ele não verbalizou isso, mas foi exatamente o que senti pulsar naquele quarto.

Ao ser perguntado se gostaria de dedicar uma música à esposa, ele nos olhou com uma mistura de tristeza e resignação, exclamando:

— Mas ela não reage!

Foi então que respondi, tentando agir como uma ponte entre os dois:

— Ela pode não reagir, mas ainda pode nos ouvir.

Convencido por essa pequena centelha de esperança, ele escolheu "Doce vampiro"[28], de Rita Lee. Colocamos a música para tocar e nos aproximamos um pouco mais do leito dela. A melodia suave preencheu o quarto.

E então, o inesperado aconteceu. Exatamente no verso seguinte, ela deu um grande e sonoro suspiro:

Aah, venha sugar o calor
De dentro do meu sangue vermelho
Tão vivo, tão eterno...

Tomei um susto. Meu coração acelerou e, instantaneamente, entendi aquele suspiro como se ela estivesse dizendo: *Estou aqui! Eu ouço vocês*. A música continuou a embalar o quarto e, como que para confirmar sua presença invisível, vieram mais dois suspiros profundos acompanhando a letra:

Mas nada disso importa, vou abrir a porta
Pra você entrar
Beija minha boca...

Ao final da música, um silêncio atencioso tomou conta de nós. Ficamos ali, absorvendo a magnitude daquele instante. Conforme nos preparávamos para agradecer e nos despedir, o marido se levantou e, com uma força que parecia vir de um lugar oculto de sua alma, ele começou a cantar "O que é o que é?"[29], de Gonzaguinha:

Eu fico com a pureza da resposta das crianças
É a vida, é bonita e é bonita...

Sem precisarmos combinar, todos nós da equipe o acompanhamos em um coro improvisado e cheio de vida:

Viver e não ter a vergonha de ser feliz
Cantar e cantar e cantar

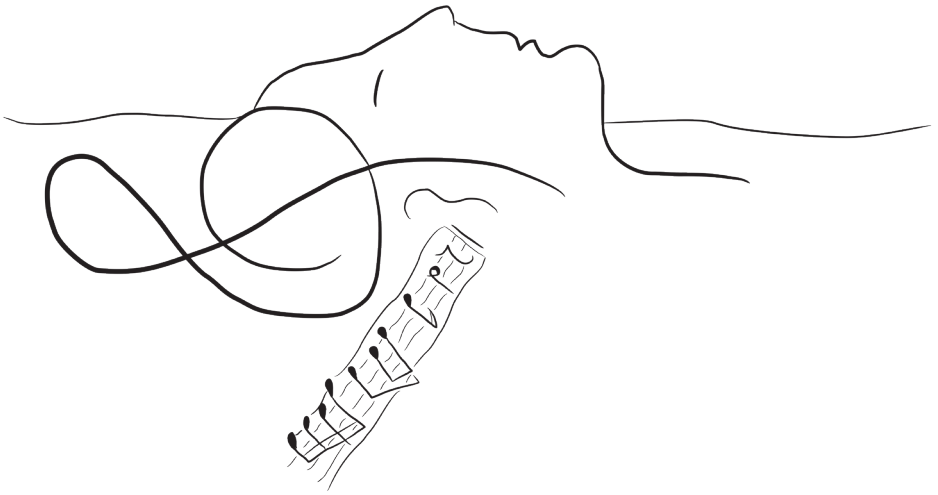
E então, nos silenciamos, deixando que ele continuasse o verso sozinho, preenchendo a enfermaria com sua voz embargada, mas firme:

E a vida?
E a vida, o que é? Diga lá, meu irmão

Por fim, com os olhos ainda cheios d'água, mas com o semblante mais leve, ele nos agradeceu. Nós nos despedimos, deixando a enfermaria 37 não apenas com a sensação de dever cumprido, mas também com a certeza de que, mesmo diante do silêncio mais atordoante, a vida, de alguma forma, sempre encontra uma maneira de cantar.

Entre o silêncio de um cálice amargo e o suspiro doce de quem ainda resiste, descobrimos que a vida não é apenas a batida de um coração, mas a coragem de ser um eterno aprendiz diante da beleza de simplesmente ser.

Marcelle Oliveira de Vasconcellos



Passarinhos acolhedores

Cinza, branco, azul. São as cores que vejo todos os dias. Porém, ao entrar na enfermaria, entre roupas, ventiladores e cobertores gélidos, surge uma nova cor: rosa. Ela satura as cores monótonas, costurando um novo ambiente. Como as cores, os pacientes são assim. Transformam o ambiente frio em um lugar quente com sua presença e seus pedidos. Às vezes com tristeza, às vezes com alegria, mas sempre preenchem o ambiente com sentimento, calor.

Dessa vez não foi diferente. Marcela pediu um louvor. A música ecoava pelo quarto através da nossa voz, misturando-se à sua e, por um momento, o ambiente hospitalar parecia se transformar.

— Sabe, meninos, toda vez que eu escuto vocês, desejo que virem passarinhos para cantarem sempre ao meu lado.

Não soube o que responder, mas, de alguma forma, me senti feliz por ser comparada com essa criatura tão graciosa, que pode cantar sem preocupações. Talvez seja disso que ela precise. Um canto sem amarras, onde ela possa cantar suas verdades e ser ouvida.

Ao final da canção, após o seu banho, Cleide se aproximou de nós. Seu canto suave deu espaço a um pedido: o louvor "Sobrevivi"[30], uma música que, segundo ela, carregava sua história e de sua família.

A canção, atravessada pela fé e pela esperança depois de um momento difícil, ganhou outro sentido naquele quarto.

Cleide cantava com a equipe e, durante o refrão, começava a orar na mesma intensidade do canto. A música se transformou quase em uma prece, como se a fé daquelas duas mulheres se encontrasse e tomasse a canção para si.

Naquele momento, os versos já não eram nossos, nem apenas daqueles que os criaram. Eram delas. De suas histórias, suas gratidões, suas preces.

No final do atendimento, elas se tornaram os passarinhos.

Carolina Nunes

Com a colaboração de Maria Clara Tavares

Entre músicas e bênçãos

Na enfermaria 27, no leito dois, estava uma mulher de sessenta anos. Ela havia dado entrada no hospital no dia oito de junho de 2026, e naquela manhã do dia nove de junho recebia mais uma visita de nossa equipe.

Assim que nos aproximamos do leito, antes mesmo de qualquer apresentação, ela perguntou com expectativa:

— Cadê o violão?

Havia uma animação genuína em sua voz, como se aquele instrumento representasse algo muito maior do que apenas música. Explicamos, com cuidado, que naquele momento não tínhamos conseguido trazê-lo, mas que a extensionista com ele já estava chegando.

Ela pareceu aceitar a resposta, então perguntamos:

— Que música a senhora quer ouvir hoje?

Sem hesitar, respondeu:

— "Deixa"[31], da Maria Marçal.

Colocamos a música para tocar no celular e começamos a cantar. Bastaram os primeiros versos para que Clara fechasse os olhos. O silêncio do quarto passou a ser preenchido apenas pela canção, pela nossa voz e pela emoção que tomava conta da paciente. Ela chorava enquanto cantava. Em determinados momentos, quando a palavra "sofrimento" aparecia na música, o dedo do seu pé se movia levemente, como se o corpo acompanhasse aquilo que a alma sentia. Mantinha os olhos fechados e os braços abraçados ao próprio corpo, num gesto silencioso de acolhimento.

Quando a música terminou, a paciente abriu os olhos devagar e disse:

— Sei que os planos de Deus são melhores que os meus. Sei que tô aqui pra algum propósito. Tudo é no tempo de Deus. Ele cura, Ele salva, Ele libera... e eu confio Nele. Podem cantar mais uma?

Respondemos que sim, claro. Perguntamos qual ela gostaria de ouvir, e ela pediu "Porque Ele vive"[32] da Harpa Cristã, número 545.

Enquanto procurávamos a letra, Clara perguntou:

— Tem alguém evangélico na equipe?

Nós nos olhamos rapidamente, e uma das extensionistas respondeu sorrindo:

— Somos bem diversos!

Mesmo assim, a paciente insistiu um pouco na pergunta. Então, respondemos que sim, mas mudando o foco para ela:

— Tem sim... mas me conta, como a senhora tá hoje?

Ela suspirou antes de responder que estava bem, apesar de ter voltado para o hospital. Disse também, com tristeza, que os médicos ainda não sabiam exatamente o que ela tinha. Logo depois, "Porque Ele vive" começou a tocar no celular, e cantamos juntas. Ao final da música, ela disse, emocionada:

— A gente pode crer no amanhã.

E foi nesse instante que algo mudou no ambiente.

Parecia que o quarto inteiro havia sido tomado por uma espécie de chuva de bênçãos. Foi isso que senti. Ela começou a nos abençoar com palavras sinceras e cheias de fé. Abençoou nossas vozes, desejou muitas bênçãos para toda a equipe, me abençoou para que eu tivesse um violão e também abençoou minhas mãos, para que eu pudesse tocar.

Então, como se tivesse chegado exatamente na hora certa, a extensionista apareceu carregando o violão.

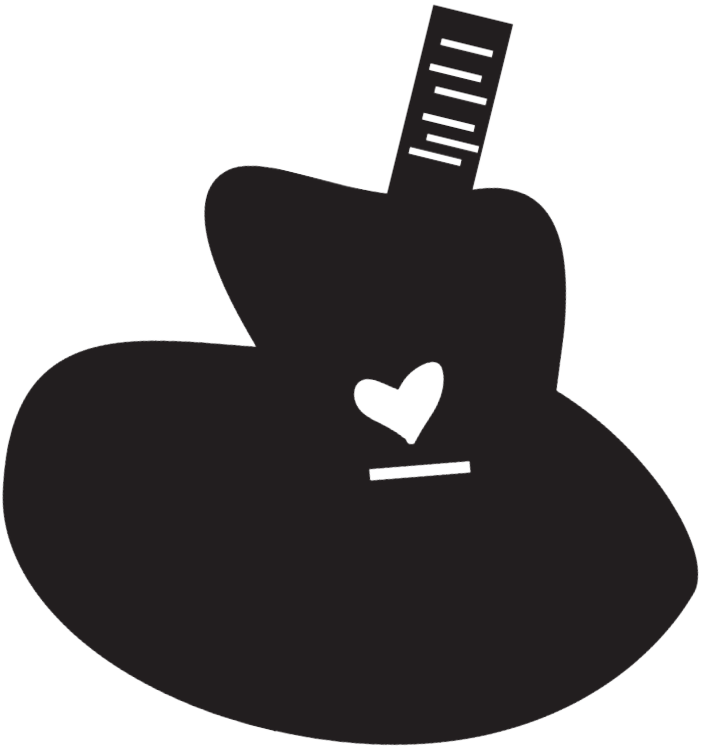
Os olhos da paciente brilharam imediatamente. Dessa vez, pudemos cantar outra música acompanhadas pelo instrumento que ela tanto queria ouvir.

"Deserto"[33] começou a soar através do violão, e cantamos juntas. Durante a canção, ela percutia as mãos e mexia os pés

acompanhando o ritmo. Cantava bastante e, em alguns momentos, fechava os olhos novamente, deixando que a música conduzisse suas emoções.

Ao final, voltou a nos abençoar mais uma vez. Entregou-nos um panfleto sobre Deus, agradeceu pela visita e pela música, e então nos despedimos dela. Saímos do leito dois levando conosco a sensação de que, naquela manhã, não tínhamos apenas oferecido algo. Também havíamos recebido.

Marcelle Oliveira de Vasconcellos



Junto ao peito, em uníssono e em família

Quando chegamos à enfermaria naquela terça-feira chuvosa, notamos uma ausência em um dos leitos. Fernanda havia saído para realizar um exame, mas seus três filhos permaneciam no quarto aguardando seu retorno. Assim que nos avistaram com o violão e os instrumentos de percussão, levantaram-se rapidamente e disseram:

— Vocês voltaram! Nossa mãe estava esperando vocês. Ela já escolheu a música. — Seus filhos também nos contaram que a canção havia sido escolhida ainda na semana anterior.

Eu já sabia que apenas uma das filhas nos conhecia, mas todos nos receberam com entusiasmo. Ficou claro que Fernanda já havia falado sobre nossas visitas para a família. Explicamos que voltaríamos quando ela retornasse.

Pouco tempo depois, seus filhos nos encontraram novamente pelos corredores:

— Ei, minha mãe precisa de vocês. — Senti que havia algo na forma como disseram aquilo que não permitia demora. Quando chegamos ao leito, Fernanda rapidamente cutucou a filha e pediu:

— Pegue Nossa Senhora.

A filha entregou a imagem à mãe, que a segurou junto ao peito com força. Então nos disseram:

— Ela quer ouvir "Nossa Senhora"[34], do Roberto Carlos.

Nos preparamos e a canção começou. Fernanda fechou os olhos e apertou a imagem contra o peito. Seus filhos per-

maneceram ao seu redor enquanto a música seguia. Quando ouviu os versos "*Nossa Senhora me dê a mão, cuida do meu coração*", Fernanda apertou os olhos com força e lágrimas desceram pelo seu rosto.

Observei seus filhos. Uma permanecia bem próxima à mãe, sem desviar o olhar, cantava com afinco. A outra cantava baixinho com os olhos marejados. O filho acompanhava a música enquanto observava a mãe com carinho.

Quando a canção terminou, Fernanda agradeceu à equipe e continuou segurando a imagem de Nossa Senhora junto ao peito. Seus filhos permaneceram próximos. Ao deixar aquele quarto, fiquei pensando sobre o atendimento, que talvez nenhum deles estivesse esperando apenas por uma música. Talvez estivessem esperando por aquele momento de estarem juntos, uma mãe e seus filhos, em uníssono, em família.

Renata Cristina

Respirei, fechei os olhos e cantei

Novembro de 2024. Minha avó precisou ser hospitalizada devido a uma piora no seu quadro hepático. Infelizmente, em pouco tempo, a situação se agravou e houve a necessidade de intubação e sedação. Menos de uma semana depois, minha família entendeu que se tratava de uma dura e dolorosa despedida. Não seria apenas mais um novembro que carregava pela mão o fim de mais um ano...

Em uma quinta-feira, fui visitá-la após realizar meu trabalho no hospital, ou seja, levava o violão nas costas. Vendo o instrumento, minha prima logo disse ao médico responsável:

— Ela faz musicoterapia! Ela pode tocar uma música para a nossa avó lá dentro no CTI? — O médico, que sempre se mostrou muito atencioso, abraçou a ideia.

Alguns minutos depois, eu estava sentada em uma cadeira diante de minha avó com o violão no meu colo. Estava rodeada de familiares chorosos que compartilhavam da minha emoção. Foi difícil me concentrar nas canções quando o ar de partida envolvia a sala. Sabia que logo minha avó não estaria mais conosco e um nó se formava em minha garganta...

Respirei fundo, fechei brevemente os olhos e cantei "Can't Help Falling In Love"[35], do Elvis Presley... Essa música já tinha nos feito companhia antes. Eu a tocava para ela durante o período de pandemia. Num dos dias daquela época estranha, enquanto me ouvia, ela olhou no fundo dos meus olhos e disse:

– Nunca abandone a sua música, filhinha. Você toca muito bonito!

O tempo entre ir até aquela cena vivida anos antes e a volta para o quarto de hospital durou apenas poucos compassos. No momento em que soou o último acorde, senti como se um nó tivesse se soltado dentro de mim. Naquela hora entendi o valor e o peso do trabalho que realizamos.

Em seguida, a pedido dos meus familiares, toquei "Como é grande o meu amor por você"[36], do Roberto Carlos, cantor favorito da minha avó. A cada frase da canção, as lágrimas rolavam nos rostos. Algumas eram rápidas, outras desciam sem pressa. Algumas bocas cantavam timidamente. Muitas mãos tocavam os pés ou se entrelaçavam com as mãos de minha avó. Todos os olhos caíam sobre seu rosto cansado. Ao final da música, havia certo alívio no ambiente, como se tudo que não fora dito tivesse sido trazido à luz. Como se todas as palavras presas na garganta tivessem sido libertadas com a letra da canção.

Naquela tarde de quinta-feira, senti que embalei muitas despedidas, inclusive a minha.

Minha avó veio a falecer no dia seguinte.

Ana Flávia Otoni de Amorim Leite
Com a colaboração de Bianca Bruno Bárbara

Meu olhar, minha presença...

Caro leitor, talvez você não me reconheça. Eu costumo chegar em momentos que ninguém deseja, mas que fazem parte da vida. Hoje, gostaria de te contar uma história que acompanhei de perto...

Da janela, eu assistia a mais um dia na enfermaria 10A. Eu gosto de observar as pessoas, todas elas: os trabalhadores, os familiares e também os pacientes. Alguns dormem. Outros mantêm os olhos abertos e atentos, como se temessem perder algo importante. Há também aqueles que seguram as mãos uns dos outros com força, como se o toque fosse capaz de impedir algo.

Foi em um dos leitos que encontrei, mais uma vez, seu Heitor. Já o acompanhava há algum tempo. Ele carregava no rosto as marcas de uma vida vivida por inteiro. Ao seu lado, a filha descansava. Os dois pareciam compartilhar um silêncio confortável, daqueles em que as palavras não fazem falta.

Mas, naquele dia, algo mudou.

Suavemente um pequeno grupo entrou. Eles não carregavam consigo medicamentos nem prontuários, traziam algo que não cabia nos bolsos nem nas mãos. Era mais leve e, ao mesmo tempo, mais poderoso.

Eles perguntaram, com delicadeza, se seu Heitor e sua filha gostariam de ouvir uma canção. Houve um breve silêncio. Pai e filha se olharam. E naquele olhar, algo se acendeu. Uma memória, uma história inteira em um instante. Eles não

precisaram dizer muito. A escolha já estava feita antes mesmo de ser dita. Uma canção de amor.

E o pequeno grupo começou a cantar.

Então, como acontece nas histórias mais mágicas, o ambiente mudou. O ar frio da enfermaria deu lugar a algo acolhedor. Como se paredes, fios e máquinas também quisessem escutar.

As notas se espalharam pelo quarto como pequenas luzes. Eu vi as memórias surgirem. Mesas lotadas, risadas altas, copos cheios, pés dançando no chão da sala. E no fim dessa noite feliz, seu Heitor colocava aquela canção para tocar, como quem fecha um ciclo com carinho, como dizia a música: *amor eterno*.

A filha chorava. Mas não era um choro de perda. Era um choro cheio de vida, daqueles que nascem quando o amor transborda e não cabe mais no peito. Ela olhou para o pai e cantou "*My endless love...*"[37]. A voz saiu carregada de tudo o que eles viveram. E, por um instante, o tempo não existia mais. Nem passado, nem futuro. Só aquele momento, eterno.

Quando a música terminou, eu soube que ainda não era a minha hora de aparecer. Existem ocasiões que pertencem apenas a quem as vive. Então me afastei. Deixei que a canção e o silêncio que veio depois fossem só deles.

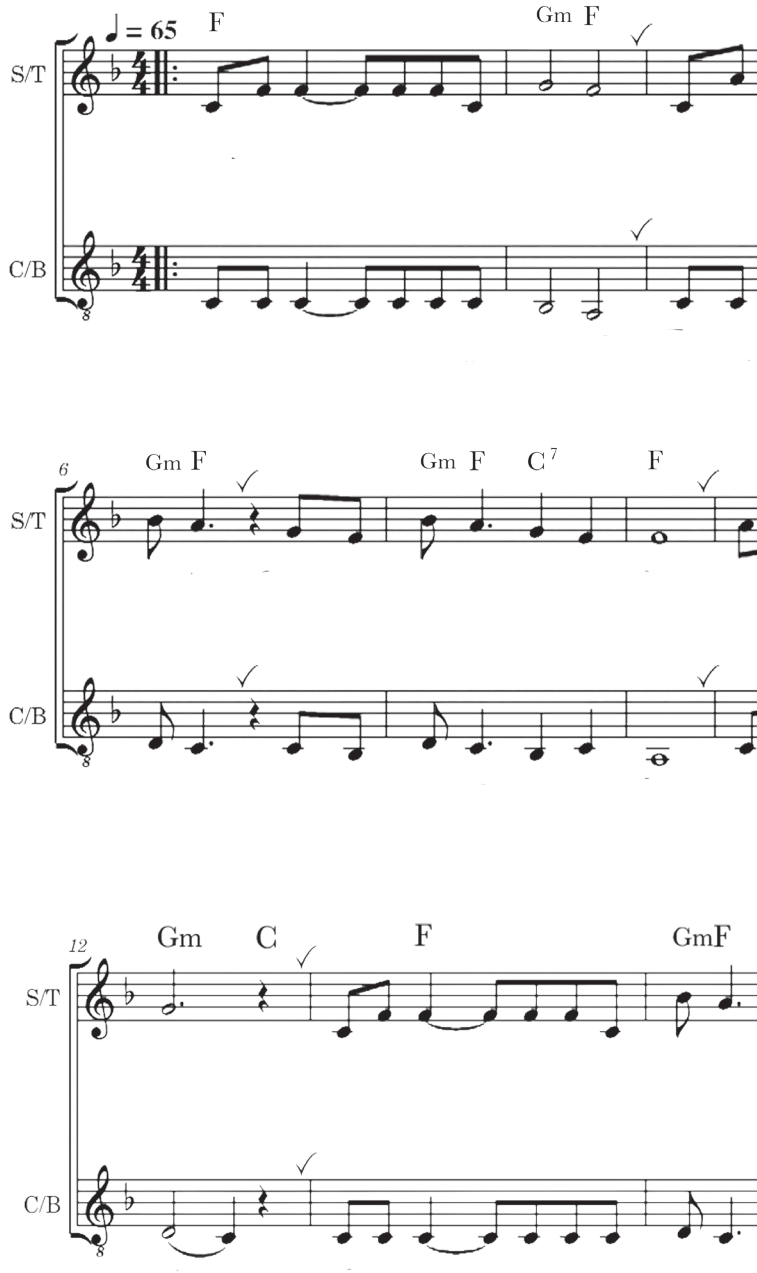
Algum tempo passou e, quando voltei a olhar, seu Heitor já não estava mais na enfermaria 10A. Ele tinha ido para casa.

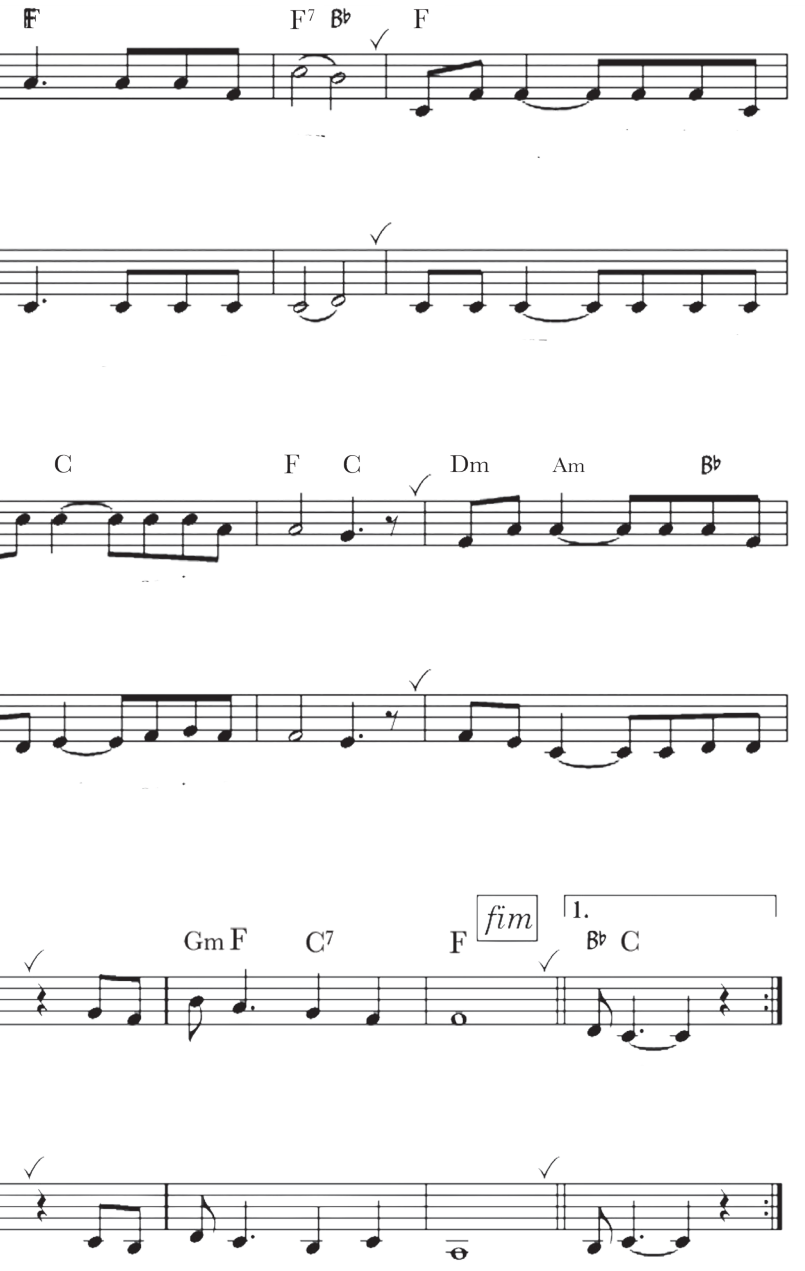
Mas as histórias não terminam assim tão fácil.

Depois de um tempo, eu o vi novamente na enfermaria 10A e não queria perder essa chance, então me aproximei. Queria ouvi-lo. Queria que ele me contasse aquelas memórias. As mesmas que havia compartilhado naquele dia, embaladas pela música. Quando cheguei do lado dele, seu Heitor me olhou e sorriu. Um sorriso tranquilo. Sem dizer nada, estendi minha mão e ele a segurou. Nós caminhamos juntos até a saída. Algumas histórias continuam depois do fim. E algumas canções, como as de amor eterno, nunca param de tocar.

Renata Cristina

“Canções e momentos”
Fernandi Brant e Milton Nascimento




F
F7 B♭
F
C
F C
Dm
Am
B♭
Gm F
C7
F
fim
1.
B♭ C

Posfácio

Sobre Toma essa canção como um beijo

Acompanhe nosso projeto pelas redes sociais:

YouTube: https://www.youtube.com/@tomaessacancaocomoumbeijo9679
Instagram: https://www.instagram.com/tomaessacancaocomoumbeijo/

Alguns de nossos produtos:

♭ Produtos audiovisuais (filmes e/ou vídeos):

TOMA essa canção como um beijo: reinvenções da presença em tempos de pandemia. [*S. l.: s. n.*], YouTube, 2022. 1 vídeo (37 min). Publicado pelo canal: tomaessacancaocomoumbeijo9679. Documentário produzido para o VIII Congresso Latinoamericano de Musicoterapia, 20-22 out. 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=lGzwcfrw250. Acesso em: 17 set. 2026.

HOMENAGEM aos funcionários do CTI Covid do HUPE. [*S. l.: s. n.*], Instagram, 2021. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo perfil: tomaessacancaocomoumbeijo. Disponível em: https://www.instagram.com/tv/CX4ffAbJXOm/?igshid=YmMyMTA2M2Y=. Acesso em: 17 set. 2026.

A CANÇÃO como um beijo. Locução: Ana Clara Galante e Stefany Oliveira. Rio de Janeiro: Extensão UFRJ, 20 dez. 2021. Podcast. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/1Niz1kMyTjaKX4nAfdl0TP?si=h_LD2CuSQhSv7NFVAOL8Ng&utm_source. Acesso em: 17 set. 2026.

♭ Apresentação de trabalhos e palestras

BÁRBARA, Bianca Bruno; QUITES, Bárbara Franco. *Reinvenções da Presença pela Voz em Tempos de Pandemia*. Palestra na mesa de abertura "Experiências Inspiradoras de ensino, pesquisa e extensão" da 11ª Semana de Integração

Acadêmica da UFRJ, Rio de Janeiro, 14 fev. 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=gOdA4uOD-yk. Acesso em: 17 set. 2026.

BARBOSA, Marcos dos Santos et. al. *Toma essa canção como um beijo*. Trabalho apresentado na 11ª Semana de Integração Acadêmica da UFRJ, sessão Saúde e Extensão, Rio de Janeiro, 18 fev. 2022. Trabalho premiado com Menção Honrosa. 1 vídeo (8 min). Disponível em: https://www.instagram.com/tv/CaIoO3zJTYi/?igshid=MDJmNzVkMjY%3D. Acesso em: 17 set. 2026.

DIAS, Frederico; SILVA, Rebeca Fernanda Diogo da; SILVA, Emily Felix Mendes da; MARQUES, Victória. *Toma essa canção como um beijo*: reflexões e reinvenções na experiência de um projeto de extensão. Trabalho apresentado na 12ª Semana de Integração Acadêmica da UFRJ, Rio de Janeiro, 1 jun. 2023. Trabalho premiado com Menção Honrosa.

BÁRBARA, Bianca Bruno et. al. *Toma essa canção como um beijo*: relatos e experiências de um projeto de extensão. Trabalho apresentado na 12ª Semana de Integração Acadêmica da UFRJ, sessão Saúde e Extensão, Rio de Janeiro, 1 jun. 2023. Trabalho premiado com Menção Honrosa.

GAMA, Raquel da et. al. *Quando a voz embala despedidas*: ressonâncias da música na terminalidade – experiências de um projeto de extensão. Trabalho apresentado na 13ª Semana de Integração Acadêmica da UFRJ, Rio de Janeiro, 25 de nov. 2024. Trabalho premiado com Menção Honrosa.

♭ Produtos culturais e/ou artísticos:

T*oma essa canção como um beijo em concerto*: em homenagem à experiência humana vivida durante a covid-19. Rio de Janeiro: Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, 14 jul. 2023. 1 vídeo (63 min). Disponível em: https://youtu.be/ZA8V9luiCzY?list=RDZA8V9luiCzY. Acesso em: 17 set. 2026.

Reapresentado na Escola de Música da UFRJ em 22 ago. 2023. Fragmentos acessíveis em: https://www.youtube.com/watch?v=eqqu1cY5bc0&list=RDMM&start_radio=1&rv=ZA8V9luiCzY; https://youtu.be/eqqu1cY5bc0?list=PLW-Z0rklqSfxqwKlBDtZH6hRGutiUOlH. Acesso em: 17 set. 2026.

RESPIRAR: 2ª edição do Toma essa canção como um beijo em concerto. [*S. l.: s. n.*], YouTube, 2024. 1 vídeo (77 min). Publicado pelo canal: tomaessacancaocomoumbeijo9679. Homenagem ao trabalho da equipe da enfermaria 10A (IDT/ UFRJ), unidade de saúde onde se desenvolvem as atividades do Projeto. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qGkJGgnQOUI. Acesso em: 17 set. 2026.

♭ Atividades de Divulgação Científica:

REFLEXÕES, histórias, sonoridades e algumas canções de um projeto de extensão. Coordenação: Bianca Bruno Bárbara. Rio de Janeiro: IPUB/UFRJ, You-

Tube, 10 out. 2025. 1 vídeo (51 min). Publicado no canal: tomaessacancaocomoumbeijo9679. Apresentado na I Mostra Quadrienal de Trabalhos do Grupo de Pesquisa e Extensão Entre Cantos [e campos]: articulações entre Musicoterapia, Psicanálise e Atenção Social, na Semana de Divulgação Científica e Cultural do IPUB. Apresentação a partir de 26 min 44 s. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=V6iOyAwl4zk&t=1604s. Acesso em: 17 set. 2026.

TOMA essa canção como um beijo – em estudos: cuidados paliativos. [*S. l.: s. n.*], YouTube, 2026. 1 vídeo (88 min). Publicado no canal: tomaessacancaocomoumbeijo9679. 1ª edição da série. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wD81GS4YoV8. Acesso em: 17 set. 2026.

TOMA essa canção como um beijo – em estudos: mulheres cuidadoras. [*S. l.: s. n.*], YouTube, 2026. 1 vídeo (79 min). Publicado no canal: tomaessacancaocomoumbeijo9679. 2ª edição da série. Disponível em: https://youtu.be/45j2OXSu3BI. Acesso em: 17 set. 2026.

♭ Produção acadêmica/bibliográfica:

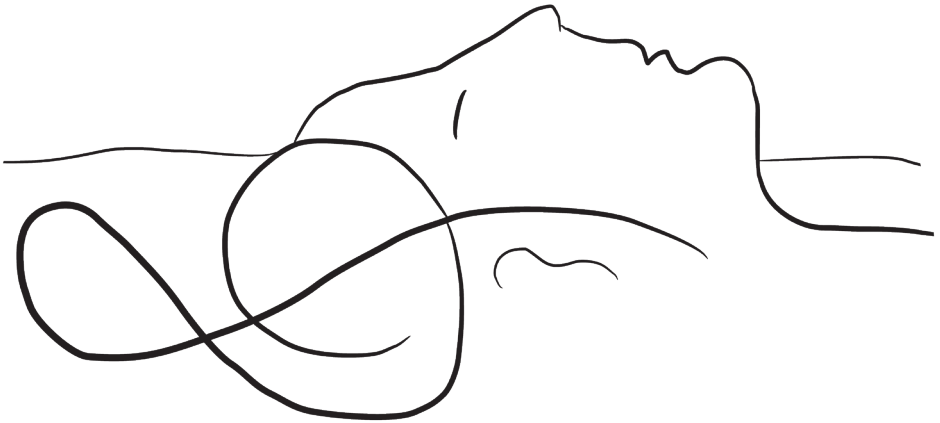
BÁRBARA, Bianca Bruno; PINTO, Marly Chagas Oliveira; VIVARELLI, Bianca Lepsh; SANTOS, Alice Rodrigues Brito dos; CURSINO, Diogo Galindo; SILVA, Emily Felix Mendes da; BARBOSA, Marcos dos Santos; MIRANDA, Renato Reis. *Toma essa canção como um beijo*: ressonâncias de um projeto de extensão em tempos de pandemia. *Revista Brasileira de Extensão Universitária*, Brasil, v. 14, n. 2, p. 153-163, 2023. DOI: https://doi.org/10.29327/2303474.14.2-3. Disponível em: https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/RBEU/article/view/13153. Acesso em: 17 set. 2026.

♭ Entrevistas e reportagens em veículos de comunicação:

CASALETTI, Danilo. *Projeto usa a música no tratamento de covid e vítimas de Petrópolis. Ecoa UOL*, [São Paulo], 23 mar. 2022. Gestão Pública Matéria produzida pela Republica.org. Disponível em: https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2022/03/23/projeto-usa-musica-no-tratamento-de-covid-e--vitimas-de-petropolis.htm. Acesso em: 17 set. 2026.

HOLANDA, C.; BARBARA, B. B.; PINTO, Marly C. O. ; BARBOSA, M.S.;. *Toma Essa Canção Como Um Beijo: Projeto de extensão de Musicoterapia transforma a rotina de pacientes e profissionais no Hospital Universitário da UFRJ/ Ebserh,* 2025. Entrevista disponível em: https://www.gov.br/ebserh/pt-br/hospitais-universitarios/regiao-sudeste/ch-ufrj/201ctoma--essa-cancao-como-um-beijo20. Acesso em: 17 set. 2026

XAVIER, P. *Projeto Toma essa canção como um beijo: o som do acolhimento. Agência UERJ de Notícias Científicas*, 31 mar. 2022.



Notas

Créditos das músicas citadas nos contos

↗ [1] "Onde Deus possa me ouvir" — interpretada e composta por Vander Lee.

↗ [2] "New York, New York" — composta por John Kander e Fred Ebb e interpretada por Frank Sinatra.

↗ [3] "Tô voltando" — composta por Maurício Tapajós e Paulo César Pinheiro e interpretada por Simone.

↗ [4] "Um dia de domingo" — composta por Michael Sullivan e Paulo Massadas e interpretada por Tim Maia e Gal Costa.

↗ [5] "Acalma minha tempestade" — composta e interpretada por Frei Gilson.

↗ [6] "Perdão" — composta e interpretada por Kleber Lucas.

↗ [7] "Festa do apê" — composta por Latino, Dalmo Beloti e Dan Balan e interpretada por Latino.

↗ [8] "A dois passos do paraíso" — composta por Evandro Mesquita e Ricardo Barreto e interpretada pela banda Blitz.

↗ [9] "Deixa a vida me levar" — composta por Serginho Meriti e Eri do Cais e interpretada por Zeca Pagodinho.

↗ [10] "Sonda-me, usa-me — composta por Aline Barros, Edson Feitosa e Ana Feitosa e interpretada por Aline Barros.

↗ [11] "Um amor puro" — composta e interpretada por Djavan.

↗ [12] "Teu lar" — composta por Bruna Black e interpretada por duo ÀVUÀ.

↗ [13] "Noites traiçoeiras" — composta por José Carlos Papae e interpretada por Padre Marcelo Rossi.

↗ [14] "Alívio" — composta e interpretada por Jessé Aguiar.

↗ [15] "Como é grande o meu amor por você" — composta e interpretada por Roberto Carlos.

↗ [16] "Nossa Senhora" — composta por Roberto Carlos e Erasmo Carlos e interpretada por Roberto Carlos.

↗ [17] "Basta uma palavra de meu Deus" — composta por Edson Feitosa, Ana, Pr. Marco Antonio e interpretada pela Comunidade Evangélica Internacional da Zona Sul (CEIZS).

↗ [18] "Noites traiçoeiras" — composta por José Carlos Papae e interpretada por Padre Marcelo Rossi.

↗ [19] "Ainda bem" — composta por Marisa Monte e Arnaldo Antunes e interpretada por Marisa Monte.

↗ [20] "Oração pela Família" — composta e interpretada por Padre Zezinho.

↗ [21] "Mãos ensanguentadas de Jesus" — composta por Maria do Rosário e interpretada por Padre Reginaldo Manzotti.

↗ [22] "Asa branca" — composta e interpretada por Luiz Gonzaga.

↗ [23] "Faz um milagre em mim" — composta por Regis e Kelly Danese e interpretada por Regis Danese.

↗ [24] "Clube da esquina Nº 2" — composta por Lô Borges, Milton Nascimento e Márcio Borges e interpretada por Milton Nascimento.

↗ [25] "Deixa a vida me levar" — composta por Serginho Meriti e Eri do Cais e interpretada por Zeca Pagodinho.

↗ [26] "Pelos prados e campinas" — composta por Jorge Castilho e interpretada por Padre Zezinho.

↗ [27] "Cálice" — composta por Chico Buarque e Gilberto Gil e interpretada por Milton Nascimento e Chico Buarque.

↗ [28] "Doce vampiro" — composta por Rita Lee e Roberto de Carvalho e interpretada por Rita Lee.

↗ [29] "O que é o que é?" — composta e interpretada por Gonzaguinha.

↗ [30] "Sobrevivi" — composta e interpretada por Sarah Farias.

↗ [31] "Deixa" — composta por Samuel Sabinno e interpretada por Maria Marçal.

↗ [32] "Porque Ele vive — 545" — versão em português da música "Because He Lives", composta por Bill e Gloria Gaither, traduzida e adaptada por Édison Coelho.

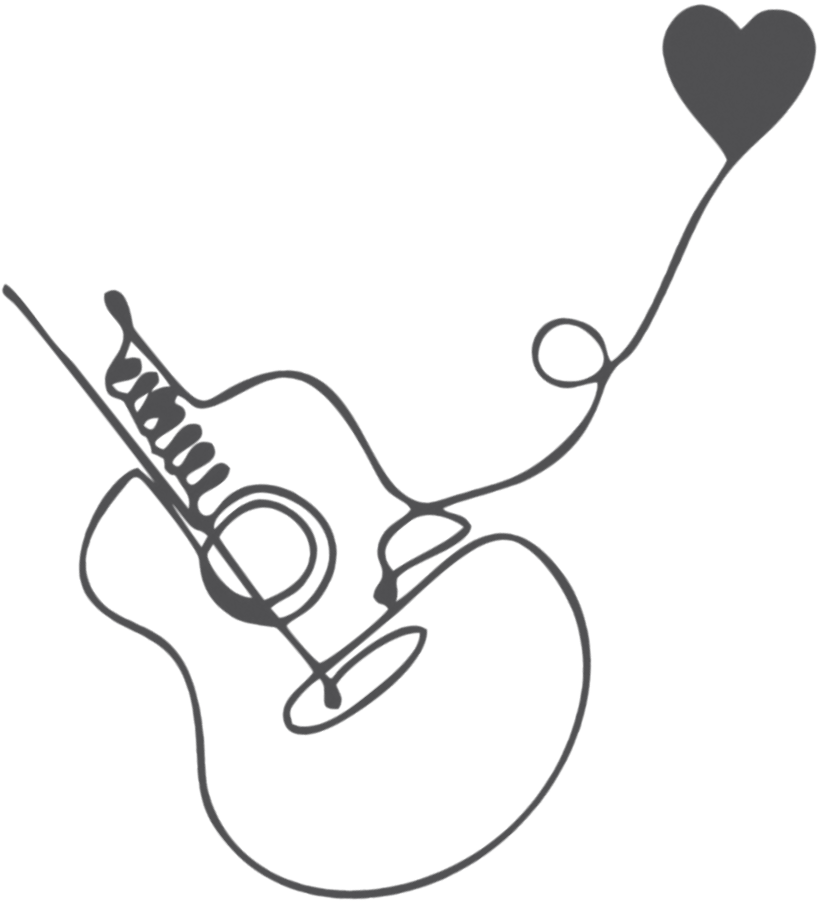
↗ [33] "Deserto" — composta por Anderson Freire e interpretada por Maria Marçal.

↗ [34] "Nossa Senhora" — composta por Roberto Carlos e Erasmo Carlos e interpretada por Roberto Carlos.

↗ [35] "Can't Help Falling in Love" — composta por Hugo Peretti, Luigi Creatore e George David Weiss e interpretada por Elvis Presley.

↗ [36] "Como é grande o meu amor por você" — composta e interpretada por Roberto Carlos.

↗ [37] "Endless Love" — composta e interpretada por Lionel Richie em dueto com Diana Ross.



Playlist

Aqui está uma playlist com todas as músicas mencionadas nos contos do livro:



Link: https://open.spotify.com/playlist/2JFBXu6kZXCdBNpD57jEPH?si=7bde996eae164e4c

Link da playlist YouTube: https://youtube.com/playlist?list=PLLPD5TBtvWfc&si=HSTCeIz3Pk_WolVT

Textos originais dos extensionistas

Acesse o QR Code para encontrar os contos em suas versões originais.



Ou pelo link: https://drive.google.com/drive/folders/1FEykx2oEUYm7AdcL84v_tWBhQow8O6rM

Agradecimentos

Para que um projeto de extensão como *Toma essa canção como um beijo* aconteça, é preciso a presença e a dedicação de muitas pessoas. Precisamos, portanto, agradecer a muitos.

Na impossibilidade de nomear cada uma das pessoas que se envolveram direta ou indiretamente no projeto e nas ações ligadas a ele, registramos nossa gratidão a todos aqueles que acolheram nossa intenção de ofertar cuidado pela música e presença pela voz.

Muito obrigada aos colegas do HUPE/UERJ e do IDT/UFRJ que nos acolheram e que viabilizaram nossa presença; aos pacientes, seus familiares e acompanhantes, que se deixaram tocar pelas nossos sons; aos colegas professores e técnicos administrativos da UFRJ que, por tantas vezes, manifestaram respeito e admiração por nosso trabalho; às pessoas que estiveram presentes em nossos eventos, se emocionando conosco.

Agradecemos a sensibilidade e disponibilidade de Bianca Vivarelli e Márcia Bulcão, que colaboram na supervisão do trabalho e, assim, contribuem com a formação de futuros profissionais sensíveis e comprometidos com o cuidado ao outro.

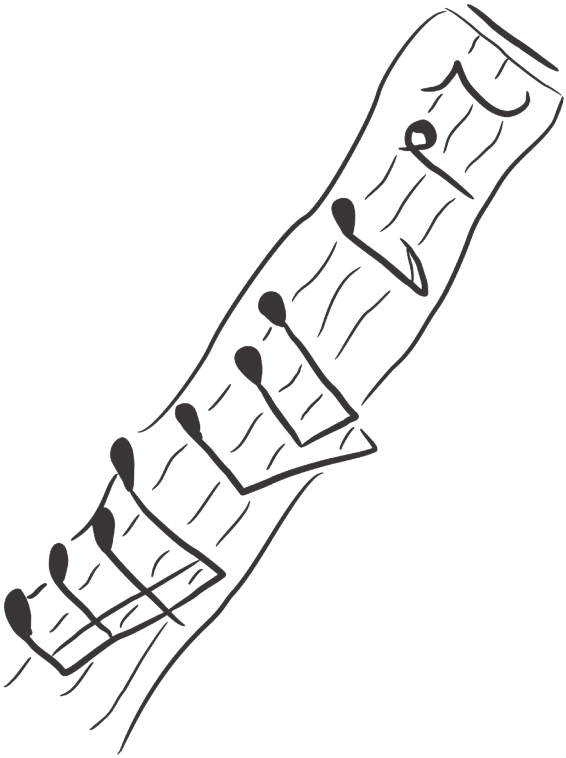
À Ecoar Edições/UFRJ, nosso profundo agradecimento pela parceria na execução desse que é nosso 1º livro de contos. Em especial às nossas queridas Maria Clara Tavares e Isabela MSC Peclat, agradecemos pelo talento, sensibilidade e profissionalismo na execução de todo o processo de viabilização desse projeto editorial.

Por fim, o maior e mais contundente agradecimento vai para cada extensionista do *Toma essa canção como um beijo*, em todas as suas formações, em cada uma de nossas temporadas! Cada um/uma de vocês, desde o começo, foi responsável por dar corpo, voz e ouvidos ao que, sem vocês, seria só uma ideia.

Sem vocês nada, absolutamente nada do que já produzimos seria viável. Agradecemos por toparem nossas ideias e por fazerem, de modo muito surpreendente, que elas se realizassem de uma forma muito melhor do que um dia tínhamos imaginado! Obrigada, obrigada, obrigada!

Que nessas palavras soe nosso amor...
Sinceramente,

Bianca Bruno Bárbara e Marly Chagas



Para materializar tanto zelo e cuidado através da música, este livro foi produzido com as tipografias Baskerville Pro corpo 11/13, Bely Display e Noto Music, impresso na gráfica Triede Studio com miolo em papel 80g polen soft Imune e capa em cartão supremo imune FI 250g, para lançamento na 3ª edição do Toma Essa Canção Como Um Beijo: Em Concerto, no dia 27 de novembro de 2026.

Cada momento tem sua playlist musical, mesmo para quem está em um hospital. Internação breve ou longa, caso simples ou complexo, é preciso cuidar. Dependendo da situação, o isolamento pode ser a parte mais difícil do tratamento. Muitas vezes, uma boa música é o carinho certo, é aquele cuidado que vai fazer a diferença. Não importa o gênero musical, importa a escolha e a conexão entre pessoas. Há letras e melodias para os altos e baixos da vida, então venha conhecer o projeto de extensão *Toma essa canção como um beijo*. Abra a playlist para se emocionar.

Mário Feijó, professor do curso de Produção Editorial da ECO-UFRJ

9 786588 579404

Consórcio
Maternidade Escola
Departamento de Arte Corporal
Departamento de Terapia Ocupacional
Escola de Música